

## **SEXUALIDADE NA TERCEIRA IDADE: ALGUMAS REFLEXÕES<sup>1</sup>**

### *SEXUALITY IN ELDERLINESS: SOME THOUGHTS*

**Ticiania Fagundes da Porciuncula<sup>2</sup> e Ana Cristina Garcia Dias<sup>3</sup>**

#### **RESUMO**

*Neste estudo, investigaram-se as representações acerca da sexualidade na terceira idade de 20 idosos e idosas participantes de um grupo de convivência de uma Unidade Básica de Saúde. Através de dinâmicas grupais, os informantes foram solicitados a expressarem o que pensam sobre sexualidade nesta etapa da vida. A análise dos dados indicou que o sexo foi percebido como um mistério, sendo ressaltadas diferenças de gênero importantes na fala das participantes. Percebe-se que as expressões da sexualidade, nesta etapa, devem diferenciar-se de épocas anteriores e a noção de sexualidade feminina está principalmente vinculada à noção de amor e “recato”, enquanto a sexualidade masculina está associada às idéias de potência e agressividade. Nesse sentido, observa-se que problemas podem ocorrer na expressão da sexualidade, uma vez que homens e mulheres parecem perceber e esperar coisas diferenciadas da expressão da sexualidade.*

**Palavra-chave:** terceira idade, sexualidade, gênero.

#### **ABSTRACT**

*In this study, the representations related to sexuality in elderliness were investigated with 20 elder people participants of a community group of a Health Basic Unit. Through group activities, the informants were asked to express what they think about sexuality in this faze of life. The data analysis indicated that sex was seen as a mystery, and differences of gender were highlighted during their speech. It is clear that the sexuality expressions, should be different from previous times and the notion of female sexuality is mainly connected to the notion of love and secrecy, while male sexuality is associated to ideas of sexual power and aggressiveness. In this sense, it is observed that problems may occur in the*

---

<sup>1</sup> Trabalho de Final de Graduação - TFG.

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Psicologia - UNIFRA.

<sup>3</sup> Orientadora - UNIFRA.

*expression of sexuality, once men and women seem to visualize and expect different things.*

**Key words:** elderliness, sexuality, gender.

## INTRODUÇÃO

A velhice é mais uma metamorfose no ciclo vital, contudo nenhuma outra etapa da existência humana é tão cercada de mal-entendidos e crenças equivocadas. Um dos temas sujeitos a esse equivoco é a sexualidade, que muitas vezes encontra-se envolta por tabus, questionamentos, preconceitos e desconhecimento. Pretende-se, através deste estudo, conhecer as representações sobre a sexualidade, a partir das concepções do próprio idoso sobre o assunto. Inicialmente, apresentaremos uma revisão de literatura sobre envelhecimento para, posteriormente, apresentarmos um estudo que investiga como os idosos percebem a sua própria sexualidade.

## O IDOSO NA ATUALIDADE

O aumento do envelhecimento populacional atinge grande parte dos países do mundo. Segundo Berquó apud Veloz et al. (1999), no Brasil, a população maior de sessenta e cinco anos atingiu sete milhões de pessoas e estima-se que, entre os anos 2010 e 2020, a taxa de crescimento de indivíduos dessa faixa etária aumente consideravelmente. Proporcionalmente, a faixa etária de sessenta anos ou mais é a que mais cresce (CERQUEIRA; OLIVEIRA, 2002). Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), o número de idosos no Brasil, no período compreendido entre os anos de 1950 a 2025, deverá ter aumentado em quinze vezes, enquanto o restante da população em cinco. Assim, o Brasil será o sexto país quanto ao contingente de idosos no ano de 2025, devendo ter cerca de trinta e dois milhões de pessoas com mais de sessenta anos.

Essa transição que ocorreu lentamente em países desenvolvidos, foi um processo rápido nos países subdesenvolvidos. Nos primeiros, observa-se um acompanhamento da elevação da qualidade de vida, graças à possibilidade de inserção das pessoas no mercado de trabalho, de oportunidades educacionais favoráveis, de boas condições sanitárias, alimentares, ambientais e de moradia. Nos segundos e, infelizmente, o Brasil faz parte desse contexto, são observados problemas. De fato, a sociedade brasileira não está preparada para aceitar este prolongamento do tempo de vida das pessoas, o que requer vários questionamentos a respeito do que é envelhecer na sociedade atual (CERQUEIRA; OLIVEIRA, 2002).

Diante dessas mudanças demográficas, ainda são poucas as respostas do sistema de saúde e de outras políticas sociais, que visam à saúde e ao bem-estar social do idoso.

No Brasil, esse processo, nitidamente urbano, deve-se tanto à queda da fecundidade, como ao aumento da longevidade, sem que essa tivesse sido acompanhada de uma melhora na qualidade de vida dessa parcela da população. Observa-se que tanto a queda da fecundidade quanto da mortalidade, que levaram a esse aumento demográfico, aconteceram desvinculadas de um desenvolvimento social adequado. Elas são frutos da importação da tecnologia e avanços médicos, assim como a rápida urbanização do país.

Apesar de serem recentes essas preocupações com os idosos, as especulações sobre o envelhecimento são tão antigas quanto a própria história da humanidade conforme lembra Salgado (1982). As sociedades da antigüidade consideravam a velhice dignificante e todo aquele que atingia essa etapa era tido como sábio. O velho foi visto, a partir de concepções mitológicas, em sociedades mais primitivas, com poderes mágicos e miraculosos, pois não se sabia interpretar seu estado de maior sabedoria em inúmeras sociedades antigas. Atingir a velhice significava obter um lugar tão dignificante que todos a aspiravam, porém a velhice vinha extremamente tarde, numa época terminal da vida e poucos conseguiam alcançá-la. Com isso, as fases do desenvolvimento anteriores à velhice eram fases preparatórias para essa, a ancianidade reservava intensa atuação nos destinos políticos, nas tomadas de decisões importantes, etc., enfim, no destino da comunidade.

No entanto, com as transformações da sociedade, envelhecer virou sinônimo de decadência. Na sociedade atual, onde a produção é o mais importante, o idoso ficou desvalorizado e numa posição inferior, pois encontra-se excluído do mercado produtivo. A inadaptação do idoso na sociedade reflete uma inadequação aos padrões sociais ideais estabelecidos pela própria sociedade, isso acontece numa etapa em que a sobrevivência e o bem-estar muito dependem do meio e da parcela produtiva da sociedade. A perda do papel profissional é um dos ícones para este desajuste que sofre o idoso atualmente (SALGADO, 1982).

Segundo Lazaeta apud Silva e Günther (2000), os principais fatores de influência da sociedade sobre o indivíduo são a resposta social ao declínio biológico, o afastamento do trabalho, a mudança da identidade social, a desvalorização social da velhice e a falta de definição sociocultural de atividades em que o idoso possa perceber-se útil e alcançar reconhecimento social.

Para Santos (2003), o Estado do Rio Grande do Sul é apontado pelo Ministério da Saúde como aquele em que o idoso tem maior expectativa de vida. Entretanto, são precários os recursos públicos para atender a esta demanda. Os esforços oficiais e mesmo de organizações não-governamentais não são suficientes para livrá-los de uma perda econômica e da perda do *status* social em razão das baixas aposentadorias. Em decorrência disso, o idoso sofre um processo de isolamento, insegurança. Isso faz com que ele tenha um sentimento de inutilidade. Muitas vezes há um comprometimento de saúde, perda de energia, de auto-estima e de doenças psíquicas, que podem implicar na perda das relações familiares, afetivas e emocionais. Todos esses fatores podem fazer com que o idoso reduza sua convivência com o mundo.

De fato, a velhice é um fenômeno biopsicossocial. O organismo do idoso sofre alterações no plano físico que acarretam conseqüências psicológicas importantes. Para Santos (2003), a trajetória da vida humana é um somatório das experiências vividas, dos valores, das metas, da compreensão e das interpretações pessoais do sujeito. Nesse sentido, a velhice, tal como qualquer fase do ciclo vital, é uma etapa de transformação tanto física, biológica, emocional e sexual. A forma como cada pessoa envelhece está determinada por suas condições subjetivas, encontrando-se atrelada a sua história pessoal que envolve todos os períodos da sua vida, as condições socioculturais e, por vezes, as realizações de prazeres desejados, alguns não experienciados. Observa-se que pessoas postergam desejos ou atividades para a velhice, pois consideram esse período, no qual, supostamente, haverá o tempo ideal para realização destes. Contudo, devido aos fatores já citados (econômicos, físicos, etc.) nem sempre isto é possível. Vemos então, idéias contraditórias associadas ao período. Por um lado há uma expectativa de realização de desejos de paz, viver a vida, por outro lado há a falta de recursos e as perdas físicas. Essas idéias contraditórias muitas vezes expressam-se na atitude que as pessoas assumem frente ao idoso.

Observamos que, entre tantos conceitos, existem também posturas que tentam mascarar preconceitos como: a infantilização do idoso, os comportamentos de excessivos cuidados, a fala que se utiliza de diminutivos dirigida aos velhos, a exploração por algumas famílias das aposentadorias. Atualmente, com o movimento dos grupos de terceira idade, vemos que existe uma euforia diante da velhice. Enfatiza-se um discurso de que é um período da vida em que não deva existir tristeza, pois as obrigações com trabalho e filhos estão cumpridas e só agora devem restar dias de prazer<sup>4</sup>.

<sup>4</sup> Nem sempre os grupos de terceira idade têm esse discurso.

Em uma atitude de infantilização do idoso, existe o menosprezo das suas capacidades e potencialidades, já a atitude de euforia nega a subjetividade dos velhos e desrespeita qualquer alteração que o envelhecimento traz para a vida das pessoas (RODRIGUES, 1996).

Na verdade, o termo envelhecimento remete a duas concepções antagônicas, de um lado evocam a idéia de desgaste, de enfraquecimento e de diminuição, por outro evoca as noções de maturação, de acréscimo, de bonificação (quanto mais velho, melhor). Então existe uma ambivalência, de um lado as perdas e do outro as aquisições. As perdas seriam um processo evolutivo gradual, que ocorrem durante todo o ciclo vital. Deparamo-nos com perdas desde o nascimento, essas são marcos na vida do indivíduo, a perda dos dentes de leite, a perda da virgindade, a queda dos cabelos, entre outras. A pessoa mais velha tem um maior número de perdas no decorrer da vida. Nessa fase, no entanto, as perdas são tidas como diminuição de suas capacidades físicas e intelectuais, tanto que o sistema de produção exclui a pessoa do mundo do trabalho, oferecendo a condição de aposentadoria. As perdas nem sempre são um término, muitas vezes podem engendrar aquisições (MESSY, 1999).

As aquisições seriam uma decisão arbitrária do indivíduo, pelo simples fato de que só perdemos aquilo que possuímos. Contudo, vemos que, nesta fase, cada indivíduo é o reflexo das atitudes tomadas no decorrer da vida, o princípio da aquisição no decurso do ciclo vital pode ser verificado nos investimentos feitos em entes queridos, ou de modo geral em objetos. O processo de aquisição não é o reverso de perda, pois esses são separados pela irreversibilidade, o que é perdido é para sempre e nenhuma aquisição substitui. Pensando, aqui, no sentido de não haver possibilidade de ressarcir o tempo que passou as etapas vividas não serão substituídas no presente. O envelhecimento, como processo normal, é a expressão da temporalidade da pessoa, adere à história da sua vida. Os processos de aquisição e perda devem manter-se num equilíbrio a fim de evitar descompensações (MESSY, 1999).

Para Novaes (1997), envelhecer não é seguir um caminho já traçado, pelo contrário, é construí-lo permanentemente. O idoso confronta-se com novos desafios, outras exigências, devendo renunciar, de certa forma, a continuidade, sobretudo biológica e desenvolver atitudes psicológicas que o levem a superar dificuldades e conflitos integrando limites e possibilidades. O sujeito vê mudar o mundo e, conseqüentemente, o seu próprio corpo, seus desejos e tudo que constituiu na sua vida psíquica. Nesse sentido, a sexualidade na terceira idade é um aspecto a ser explorado.

## SEXUALIDADE NA TERCEIRA IDADE

Segundo Medrado (1996), o corpo representa para espécie humana o elemento referencial das relações interpessoais, é um veículo através do qual expressamos subjetividade, constituindo a base das relações sociais. Além disso, através da estrutura corporal, o ser humano não somente sente, transforma, mas também expressa seus estados subjetivos voluntários e involuntários.

O corpo é uma das transformações mais perceptíveis no processo do envelhecer e esse mesmo corpo está permeado pela sexualidade. A sexualidade é um aspecto inerente da personalidade, que está presente desde a vida intra-uterina até o momento da morte. É uma forma de expressão pessoal, porém a sociedade, muitas vezes, rechaça esse veículo de subjetividade através de formas discriminatórias e preconceituosas.

Conforme Auer apud Santos (2003), as religiões contribuíram, consideravelmente, para a desvalorização da sexualidade e do erotismo, já que consideravam como algo de que o velho poderia envergonhar-se ou, no mínimo, calar-se. A sexualidade e o erotismo, nessa perspectiva, pareciam ter valor apenas de procriação. No entanto, esse conceito está mudando, pessoas fisicamente bem conservadas alcançam a fronteira da velhice e experimentam o avanço etário como uma libertação, já que se propuseram a adiar os prazeres da vida para essa faixa etária, ou mesmo não têm responsabilidade com ninguém, pois os filhos já são independentes. O crescimento do individualismo no nosso estilo de vida tem capacitado os velhos a formarem seu próprio juízo, aumentando as possibilidades de cultivarem, conscientemente, uma sexualidade e relacionamento de casal ou de pessoas sozinhas, em sua disposição para recomeçar outros relacionamentos.

As mudanças biológicas repercutem de forma diferente na atividade sexual de cada um e em sua possibilidade da relação sexual prazerosa. A diminuição do impulso sexual pode aparecer através do declínio dos interesses, pensamentos e fantasias sexuais, trazendo sentimentos de frustração e de depressão, tanto no homem quanto na mulher. Esses podem sentir-se com menos energia para o ato sexual. Em decorrência disso, surgem ansiedades, medos, inseguranças e agressividade, principalmente nos homens que são quem mais sofrem com a ameaça da perda da potência sexual. Nas mulheres, a excitação sexual e as sensações eróticas são menos intensas e sua sexualidade mais orientada por fatores relacionais psíquicos e sociais que na sexualidade masculina (NOVAES, 1997).

Com a aproximação dos 60 anos, mudanças ocorrem no ritmo corporal, nos movimentos, no equilíbrio postural e na energia física. A

sociedade reforça o pensamento de decadência física e do fim da saúde. Contudo, os idosos ativos demonstram que saúde é um estado de sincronia e o bem-estar emocional e mental pode ser cultivado em qualquer idade (NOVAES, 1997).

Não há interferência na possibilidade do idoso experimentar uma grande satisfação emocional e prazer sexual, embora ocorram mudanças fisiológicas no que diz respeito à esfera sexual nos homens quanto à frequência, duração, tipo de ereção e de resposta orgástica. Já nas mulheres, as alterações que ocorrem durante a menopausa podem criar dificuldades no ato sexual, pois as quedas na produção de hormônios femininos (estrogênio pelos ovários) interferem na lubrificação vaginal, geram alterações nas paredes da vagina e flacidez dos grandes e pequenos lábios. Contudo, o mais importante no relacionamento do casal é a intimidade, a compreensão, o carinho e o apoio mútuo, não apenas o ato sexual em si (NOVAES, 1997).

De acordo com Santos (2003), envelhecemos como vivemos, ou seja, a forma como cada um enfrenta e resolve seus problemas existenciais será determinante no enfrentamento das questões vitais na velhice. Uma vida rica de experiências leva a uma vida serena, embora isso não seja regra. A sexualidade é forjada nos processos de identificação com os objetos amorosos nas primeiras experiências da vida.

São essas experiências que permitirão a cada um, em sua singularidade, construir suas formas preferenciais de satisfação em relação a esses objetos. Por transferência, essas formas de satisfação se estenderão a objetos substitutos ou a outras formas de manifestação e realização para além do biológico. Por isso, a sexualidade pode se transformar em outras formas de expressões, que podem ser sublimatórias via atividades criativas, artísticas ou na convivência com grupos de amigos, familiares, onde a ternura, o toque, as fantasias, dão vazão ao erotismo com os outros, no contexto familiar, social, de trabalho e, principalmente, na relação consigo mesmo, no sentido da construção de sua subjetividade e singularidade (SANTOS, 2003, p. 21).

No entanto, há que se considerar que todas essas transformações decorrentes do processo de envelhecimento serão diferentes para cada grupo social. Elas dependem de como cada indivíduo vivenciou as etapas anteriores de sua vida, de como enfrentou suas perdas e vitórias. De fato, o envelhecimento será fruto de uma construção da história do indivíduo na sua relação consigo mesmo e com os outros (SANTOS, 2003).

A velhice, como um fenômeno de múltiplo significado, decorre do contexto fragmentado das experiências da vida, na complexidade cultural. Como vimos anteriormente, para a população em geral, o processo de envelhecimento está associado ao fim da vida, à morte. O que pode ser

interpretado como o oposto das noções associadas à sexualidade, que remetem à procriação, geração de vida e amor. Diante disso, muitos idosos enfrentam preconceito por parte dos mais novos ou mesmo dos próprios velhos quando expõem sua sexualidade ou mesmo manifestações de carinho para com seu par. Tal preconceito tende a reprimir as expressões de sexualidade na velhice, como se o interesse sexual ou amoroso nessa fase causasse horror. Parece que a sexualidade do idoso é algo a ser escondido, que não pode ser revelado, demonstrado e muito menos aceito (SANTOS, 2003).

Não se pode afirmar, entretanto, que o velho perca a capacidade de amar, ou de ter uma vida sexual. As fantasias eróticas, o jogo de sedução, não são prerrogativas dos jovens em função de seus atributos físicos, de sua vitalidade. Na velhice, a mudança física é acompanhada de um câmbio estético, há uma mudança na forma de expressão, de escolha do objeto amoroso, o que não implica em perda do interesse ou da capacidade de sedução (SANTOS, 2003 p.22).

As expressões de afeto, as fantasias, o desejo de ser seduzido e seduzir, estão presentes na vida dos velhos como em qualquer outra etapa da vida, embora nem sempre se expressem da mesma forma. Resgatar o direito a uma vida sexual do velho implica poder pensar o amor em suas formas de transformação libidinal, ou seja, outras formas de amor, que passam pela ternura, pelos contatos físicos que erogenizam o corpo, como o olhar, o toque, a voz, redescobrimo as primeiras formas de amor do ser humano. O velho não deixa de amar, mas reinventa formas amorosas (SANTOS, 2003).

Sexo e prazer devem estar sempre associados às relações conjugais e os idosos devem lutar por isso. Há bloqueios, resistências inconscientes que podem provocar tensões, dores, contrações ou câimbras durante as relações sexuais. O caminho para superar tais entraves, é retornar aos poucos à vida sexual, tendo uma atitude de curiosidade, de paciência, de carinho e de mútua confiança. O corpo do idoso pode ser um corpo carente, no qual podem surgir práticas como a masturbação, massagens com relaxamento e toque erótico que implicam vivências sexuais. Na verdade, percebemos que a linguagem do toque corporal cria a própria existência do corpo, buscando ângulos, curvas ou textura. É criada uma linguagem, na qual tudo se diz sem nada se falar (NOVAES, 1997).

Pretende-se, com este estudo, obter um maior conhecimento sobre o envelhecimento, reconhecer as representações sobre a sexualidade, nessa faixa etária e refletir se as diferenças de gênero interferem na experiência da mesma. A sexualidade é um campo exploratório bastante amplo, contudo,



nota-se certa defasagem quando tal tema é relacionado à terceira idade. Por ser um assunto ainda pouco explorado, sentiu-se a necessidade de realização de uma pesquisa sobre essa temática.

## **METODOLOGIA**

### **INFORMANTES**

Participaram deste estudo 20 idosos com idade entre sessenta e setenta e dois anos, participantes de um grupo de convivência realizado em uma Unidade Básica de Saúde do município de Santa Maria. O grupo é formado por idosos de ambos os sexos de classe média baixa e com baixo nível de escolaridade, sendo inclusive, alguns analfabetos.

### **INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS**

Para o seguinte estudo, foram realizados dois encontros grupais, nos quais foram utilizadas dinâmicas de grupo que buscavam conhecer as representações que os idosos possuíam acerca de suas sexualidades. Nos encontros, participaram do grupo dezessete idosas e três idosos entre sessenta e setenta e dois anos. Os grupos foram realizados a partir do referencial de grupos operativos introduzido por Pichon-Rivière (1996) na década de 40. Esse autor compreende que se pode falar em grupo, quando um conjunto de pessoas, movidas por necessidades semelhantes, reúnem-se em torno de uma tarefa específica.

Todo grupo que tiver uma tarefa a realizar e que puder, através do grupo operativo, esclarecer dificuldades individuais, romper com estereótipos e possibilitar a identificação dos obstáculos que impedem o desenvolvimento do indivíduo e que, além disso, o auxilie a encontrar suas próprias condições de resolver ou se enfrentar com seus problemas é terapêutico (ZIMERMAN; OSÓRIO, 1997, p. 95).

A pesquisadora coordenou o trabalho das dinâmicas sendo auxiliada por uma outra estudante de Psicologia no processo de registro das informações coletadas. Os grupos foram filmados pela colega, mas ela não fez nenhuma intervenção. O trabalho do primeiro dia tinha como objetivo conhecer o que os idosos pensam sobre sexualidade nesta etapa da vida, promovendo uma reflexão sobre o assunto. Buscou-se explorar suas percepções e representações, através de um trabalho de colagem. No primeiro momento, realizou-se um *rapport*, indicando os objetivos do trabalho a ser realizado. Em um segundo momento, pediu-se para os

participantes que apresentassem seus cartazes, comentando-os. Nesse momento, a pesquisadora realizou alguns questionamentos que buscavam maiores esclarecimentos acerca das representações. Foi mencionado que os cartazes ficariam em posse da pesquisadora para posterior análise.

A segunda dinâmica foi construída a partir dos conteúdos trazidos no primeiro encontro, tinha como objetivo promover uma reflexão sobre o papel do homem e da mulher, considerando os fatores que influenciam na construção do papel masculino e feminino. Foi também explorado como essas diferenças foram experienciadas através do tempo (como era e como é hoje).

Os grupos foram gravados em *audio-tape*, filmados e transcritos para posterior análise. Antes de iniciar o trabalho com os grupos, foram explicados os objetivos da pesquisa e assinado o termo de consentimento informado que garante condições de sigilo e confidencialidade. O termo de consentimento informado foi explicado para as pessoas que não possuíam condições de leitura. Para os outros, foi oferecido um cópia para leitura individual.

## ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

Foi utilizada, para a pesquisa, a análise de conteúdo, conforme proposta de Bardin (2000) para análise dos grupos. Essa análise propõe-se a estudar os símbolos e as características que são básicos para compreender o homem, sua história, seu pensamento e suas instituições. É um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos ou, mais rigorosamente, um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações (BARDIN, 2000). Tal análise é particularmente utilizada para estudar materiais de tipo qualitativo, devendo ser eficaz, rigorosa e precisa. Trata-se de uma forma para compreender melhor o discurso, aprofundar a análise de suas características, e extrair os momentos mais importantes do mesmo, enfim é a aplicação de métodos científicos a uma evidência documentária (HOSTI, apud RICHARDSON et al., 1999).

## RESULTADOS

Inicialmente, começamos o trabalho através de entrevistas individuais sobre como a sexualidade era percebida por pessoas desta faixa etária. Contudo, este método revelou-se improdutivo e repleto de limitações, os idosos sentiam-se constrangidos, inibidos e receosos em

falar sobre um assunto tão íntimo. Com as dificuldades encontradas nas entrevistas optamos pela realização de grupos operativos.

As entrevistas e as sessões do grupo foram inicialmente transcritas, sendo então realizada uma análise de conteúdo das respostas obtidas. A seguir, serão descritos alguns temas emergentes dessa análise. Todos os nomes foram trocados para garantir a confidencialidade das identidades dos participantes.

Para uma melhor compreensão de cada categoria, serão apresentadas excertos de falas dos participantes. Desde já, é importante assinalar que esta temática é de difícil abordagem para os integrantes do grupo, mesmo o uso de um instrumento “mais lúdico” para coleta de informações não conseguiu-se superar um certo “receio” que esses sujeitos tiveram de falar sobre sexualidade.

## SEXO COMO MISTÉRIO

As informações desta categoria foram eminentemente retiradas das entrevistas. Para algumas participantes do grupo, o sexo era algo totalmente desconhecido. Tanto em casa quanto na sociedade esse assunto não era permitido. O pouco conhecimento do sexo e do próprio corpo dificultava a prática sexual, o ato sexual era cercado de mistério implicando tanto noções de perigo como de prazer, especialmente em relação a uma gravidez indesejada. Entretanto, as participantes afirmam que, atualmente, as adolescentes engravidam não por falta de informação, mas pela liberdade que os pais proporcionam. Já que na sua época consideravam que a gravidez indesejada acontecia devido a pouca ou nenhuma instrução. Observa-se, porém, que a idade com que casavam corresponde à adolescência atual.

... a família nem falava nisso, não pode nem tocar nessas coisas...

Marilda (63 a)

... minha mãe dizia que moça tinha que casar virgem e eu tinha medo, medo de ter relação e o moço não assumir e eu ficar grávida...(...) (Sexo) tem que ser uma coisa prazerosa, eu penso assim se tivesse tido mais informação na minha juventude, uma educação sexual mais aberta, se os pais falassem, se eu casasse sabendo tudo, não sabia nem se era bom ou não, eu não tinha conhecimento do meu corpo... Leda (62 a):

... essas gurias que estão aí hoje têm informação, eu que não tinha, casei com 16 anos e não tinha nem televisão lá fora, tive que ir aprendendo com a vida... Rita (65 a).

## EXPRESSÃO DA SEXUALIDADE

A sexualidade foi associada à noção de espontaneidade, representando as idéias de naturalidade, de liberdade, de felicidade. Nesse sentido, a sexualidade foi vista como algo natural, que deve ser demonstrado sutilmente, em diferentes atos cotidianos como, por exemplo, na dança, em uma postura alegre diante da vida.

... essa moça está mostrando a espontaneidade, a sexualidade dela, na dança, né. Glória (60 a).

... representa que ela tá no carnaval, representa a vida, que ela tá feliz da vida, tá vivendo a sexualidade. Maria (61 a)

... demonstrando alegria de viver ela já está demonstrando tudo, um todo né, mostra a sexualidade também na alegria de viver. Agueda (61 a) (as idosas se referem a uma foto de Luma de Oliveira dançando no ensaio de uma escola de samba).

Além disso, o termo sexualidade foi vinculado ao amor. Essa característica revelou-se um dos conceitos mais intimamente ligado ao sexo. De fato, o amor surge como indispensável à prática sexual. O sexo, como simples prática, foi rejeitado por muitos dos participantes do grupo. A prática sexual parecia ser legítima somente quando respaldada por este sentimento maior – amor. O ato sexual somente vinculado à noção de prazer foi visto como ilegítimo. Nesse sentido, a noção de uma maior expressão sexual enquanto ato era permitida aos jovens, e de certa forma vetada aos idosos. O idoso, na opinião desses participantes, deveria expressar sua sexualidade de forma recatada e discreta, através apenas de demonstrações de carinho.

Nota-se que, a mesma noção de sexualidade vinculada ao amor é contraditória na fala desses idosos, as limitações físicas, como o uso da bengala, parecem impedir maiores expressões de amor.

... se existe amor deve existir (sexo), se não existe amor, não deve existir. Se não existe amor não vale nada. Apenas pelo prazer, não! Ana (60 a).

...são jovens, tem muito amor pra dar, né! Aqui também, estão felizes, aqui já estão velhos, caminhando com uma bengala. (as idosas referem-se a duas fotos coladas lado a lado – uma foto tem na capa dois atores globais jovens beijando-se e ao lado na outra foto há um grupo de idosos utilizando bengalas). Joana (66 a).

Ao mesmo tempo, observamos que outros participantes reconhecem a expressão de que o amor não tem idade. Cabe lembrar que o casamento de muitos destes idosos não foi orientado pelos mesmos valores atuais. Encontramos situações, nas quais o casamento era um acordo entre famílias e não necessariamente a expressão de um sentimento maior – como o

amor. Esse sentimento podia ser ou não construído através da convivência. Algumas dessas mulheres, de fato, reconhecem que seu amor pelos maridos foi construído pela convivência. É interessante pensarmos, que nesta fase, as “obrigações sexuais” femininas diminuem, pois a potência física masculina é menor. Isso talvez possibilite que outras trocas ocorram entre o casal. A idade nesta situação pode auxiliar o encontro de sentimentos e valores não compartilhados até então. Podemos ver, então, que pequenos gestos são as expressões desses sentimentos.

... eu acho que não tem idade (amor), quando me casei com meu marido e faz 23 anos, eu não gostava dele como eu gosto agora. É, parece que quando mais o tempo vai passando, mais a gente vai se gostando, 23 anos fez agora em janeiro, então eu acho que para o amor não tem idade, acontece sim, ele vem sem hora certa eu acho, né, penso assim... Jane (62 a)

... tem casal, que já passou da terceira idade e encontra a pessoa certa, né, um amor que talvez no passado não tiveram, encontraram agora. O idoso não pára de amar. Ceres (64 a)

... bem aqui os jovens, como foram já esse casal, aqui já foram jovens um dia, então agora (risos), e recém tão começando a vida né, então eles já, han, já tiveram toda a felicidade, mas ainda continua pelo semblante deles que eles são uma família feliz e que tem ainda sexualidade demonstrando no visual deles, tá aqui ó. Eles demonstram pela felicidade deles, e olha o carinho como ele pega ela ó, a gente sente né? Um diferente do outro, aquele ali mostra no olhar, esse aqui no sorriso, num todo, aqui ó. Agueda (61 a) (esta idosa refere-se a uma foto de casamento no qual encontra-se reunida toda família).

Constata-se que, na opinião de um dos integrantes, a sexualidade masculina está muito vinculada à idéia de potência, chegando a noções, talvez equivocadas, de agressividade e coragem associadas à noção de sexualidade que podem dificultar o estabelecimento de uma relação qualificada entre o casal.

... aqui é macho, tudo macho, pegando revólver na mão tem que ser macho. (...) sexualidade é ser macho, ter coragem. (...) a senhora sabe a sexualidade da fêmea, o macho é vice-versa. Não sabe qual a diferença do sexo forte e do sexo frágil? João (70 a). (essa fala se refere a uma foto na qual há um homem segurando uma arma)

Percebe-se que, nesta faixa etária, a expressão da sexualidade de forma mais aberta é vista como um tabu. Sentimentos de vergonha e pudor são relatados, associados às perdas físicas, estando em suas falas. Alguns integrantes do grupo reconhecem que sua sexualidade é perpassada por valores mais “antigos”, “primitivos” e repressores, opostos aos observados atualmente. A sexualidade atual é percebida como liberal, até em demasia, o que pode gerar doenças. Observa-se uma forte associação entre a prática

sexual e o matrimônio. Na verdade, parece que o casamento era o único espaço para a expressão da sexualidade.

... justamente na terceira idade, porque só para satisfazer o corpo não vale a pena porque a gente já tem idade, a gente já tem vergonha, tem pudor e a gente já vem de uma época mais primitiva, com mais tabus e coisas assim, e hoje em dia tudo é liberal, mas antes não era. (...) eles (velhos) jamais fizeram o que ela está fazendo atualmente, jamais. (Jovem) é liberal, faz o que quer com quem quer. Gostou, vai fazer, não interessa se o namoro continua, se vai dar matrimônio, um casamento, uma coisa... isso aí não tão pra isso. Porque hoje em dia está assim. (referindo-se a uma foto que apresenta um casal de idosos junto com a neta, que na novela das 8 os maltrata) agora não sei, existe tanta Aids, existe tanta doença, tanta coisa... porque foi liberado todo o sexo, foi liberado essas coisas, se não fosse tão liberado não tinha tanta doença como existe agora, cada um tem um pensamento, é isso aí! Ana (60 a).

## DIFERENÇAS DE GÊNERO

O segundo grupo centrou-se na discussão das diferenças de gênero, pois pôde-se perceber no primeiro encontro, numa visão, muitas vezes, oposta no que tange à expressão da sexualidade de homens e mulheres. Nesse encontro, utilizou-se a técnica do Marciano, descrita na metodologia, para melhor verificarmos essas diferenças. Consiste em se tentar explicar a um “marciano” as diferenças entre homens e mulheres. O coordenador do grupo é um “marciano” recém-chegado ao nosso planeta que quer saber quais são as diferenças entre homens e mulheres, uma vez que em Marte, tais diferenças não existem. O marciano pede ao grupo que mencione todos os tipos de diferenças: físicas, psicológicas, sentimentos, pensamentos e de expressão das emoções. Depois, quer saber quais as que não se alteram com o tempo, o lugar, a cultura. Só devem restar as diferenças físico-sexuais. Como tema de discussão, pede-se ao grupo que reflita como, a partir de diferenças físicas, o processo de socialização nos leva a comportamentos diferentes para homens e mulheres.

Nota-se que, na concepção destes idosos, as diferenças de gênero estão, geralmente, associadas às diferenças fisiológicas e morfológicas que homens e mulheres apresentam. Essas características foram associadas a algumas funções procriativas, especialmente no caso feminino, os seios com a capacidade de alimentação.

... a mulher menstrua uma vez por mês. Ivete (65 a).

... a mulher tem seios que alimenta a criança quando nasce. O homem tem o físico diferente, muito machista também, quer ser diferente... Cássia (62 a).

... o homem é macho e a mulher é fêmea, o homem não tem seios, e a mulher tem seios grandes (risos). José (68 a).

O homem foi visto como figura fundamental na família, possuindo um papel mais ativo e de responsabilidade, muitas vezes orientador do comportamento feminino. Entretanto, muitos participantes concordaram com o papel da mulher submissa ao poder masculino, pôde-se observar que algumas tentam ter certa autonomia. Essa busca de autonomia e “independência” que as levava a considerar suas próprias capacidades estava especialmente relacionada à esfera doméstica. Contudo, percebemos um modelo, no qual a mulher é mais passiva, submissa e dependente. Mas ambos, homens e mulheres, reconhecem que este modelo pode estar transformando-se. Atualmente os papéis não se encontram tão definidos, uma participante reconhece que *“a mulher hoje quase que é o pai e o homem a mãe, porque a mulher trabalha mais muitas vezes, e o homem fica deitado em casa”*.

... porque ele é o chefe da família, e quase sempre a mulher, eu no caso sou assim, eu sempre espero por ele: ‘Meu bem eu posso fazer tal coisa?’. Se disser não eu não teimo, se eu vejo que não dá pra teimar, eu não teimo, eu não faço. Então primeiro é ele pra depois eu resolver. (...) eu sempre peço a opinião dele. Não que eu não faça tudo aquilo que ele acha que não dá, porque às vezes ele acha que não dá mas tu tem mais visão daquilo que tu quer fazer, entendeu? Eu ajo daí eu digo: não é por aí eu só te perguntei mas não é por aí que vou ir. Não é sempre que eu vou ficar quieta. Valéria (64 a).

... o homem é o mestre da família, mas ultimamente, por exemplo, a mulher tá mais no trabalho que o homem, a mulher hoje quase que é o pai e o homem a mãe, porque a mulher trabalha mais muitas vezes, e o homem fica deitado em casa. Um só não produz uma família, um depende do outro para ter ser filhos, só a mulher não tem os filhos, tem que ter os dois juntos para formar uma família. Agueda (61 a).

As diferenças estendem-se ao quesito trabalho, no qual o homem é tido como trabalhador braçal, que lida com trabalho pesado e a mulher é tida, por alguns participantes, apenas como dona de casa, apta apenas para este serviço. Contudo, outros participantes discordam dessa colocação, expressando que houve uma mudança cultural em relação a esse princípio. Atualmente, a mulher possui maior espaço no mercado de trabalho, apesar de “receber um salário menor”. Além disso, ela trabalha em casa e cuida dos filhos enquanto os “homens chegam em casa e descansam”.

... o homem é mais pro serviço braçal, pesado e a mulher é pro serviço caseiro. José (68 a).

A mulher atualmente possui uma carga maior de trabalho, a dupla jornada diária a sobrecarrega, sendo que, muitas vezes, ela não é

recompensada. As participantes concordam que os homens trabalham para manter a casa, a mulher, além disso, tem que cuidar dos filhos e das tarefas domésticas.

... meu pai e minha mãe sabiam muito menos do que eu sei hoje, o homem só trabalhava e a mulher gerava filhos, criava, os amamentava e sempre dentro de casa e agora não, a mulher sai pra rua, pra trabalhar, e o homem ajuda, acho que no todo que foi escrito aqui é isso: um depende do outro para gerar filhos mas não para batalhar no dia a dia, é isso aí. Agueda (61 a)

... os homens trabalham menos que as mulheres e ganham mais (risos), adoecem mais seguido, sentem qualquer dor de cabeça e vão pra cama e as mulheres às vezes tão doentes e tão trabalhando. Elas trabalham fora, chegam em casa tem que fazer almoço, cuidar dos filhos e eles chegam em casa e vão tomar seu chimarrão. Elas chegam em casa e vão fazer o trabalho. Ivete (65 a)

Paradoxalmente, a mulher, ao mesmo tempo em que necessita da força física masculina, é vista como mais forte psicologicamente. A mulher, na percepção das participantes do grupo, é considerada “forte”, mas não apenas no sentido físico ao qual a palavra nos remete, a fortaleza da mulher é mais um atributo psicológico entre vários outros que ela possui, estende-se desde a criação dos filhos até o trabalho fora de casa, envolvendo sentimentos e emoções.

... ah eu acho que a mulher tinha mais personalidade (risos), mas porém a mulher precisa do homem, quando ela vai fazer um serviço pesado quem é que tem mais força? É o homem que tem mais força, né!? Uma mulher, por exemplo, vai esfregar uma tábua, esfrega aquilo mas não pode esfregar direito porque tem que ter firmeza. E a mulher eu acho mais forte do que o homem porque ela enfrenta muito mais coisa na vida do que o homem, o homem sabe enfrentar, mas a mulher é superior, eu acho. Não é porque eu sou mulher, mas eu acho, eu sinto que são. Ivete (65 a)

A figura feminina está, indiscutivelmente, ligada à maternagem, à condição de gerar outra vida e cuidar, dar carinho. Esse papel lhe é conferido - na opinião dos participantes – porque ela é mais sensível do que o homem, demonstrando mais seus sentimentos.

... a mulher é mais sensível, tem mais emoção. Que a mulher pode ter filhos e o homem não. (...) elas enfrentam mais as coisas, e os filhos geralmente quando querem uma coisa eles sempre correm pra mãe, a mãe sempre tem um cantinho pra dar, pra receber, pra abraçar e o pai: ‘Ah! Vai lá falar com o tua mãe.’ Eu acho assim, a mulher um ser incrível, tanto é incrível que tem capacidade de gerar outra pessoa né! Glória (60 a)

... a mulher tem mais sentimentos do que o homem, o homem leva as coisas na brincadeira, não dá nem bola pro sentimento da mulher, eu acho que a mulher tem mais sentimentos e mais responsabilidade,



porque tem homens que nem tão, por isso a mulher fica viúva e fica com a responsabilidade, ela que tem que ficar cuidando dos filhos e tudo, se manter. A mulher quando o marido não existe mais a mulher acha falta e pode ficar sem ele, agora o homem não fica sem uma mulher, o homem sempre procura arrumar mais depressa uma companheira. Valéria (64 a)

Devido à maior “sensibilidade” e à força feminina algumas participantes reconhecem que a mulher é capaz de sustentar um lar sozinha, o que não ocorre com os homens. Encontram-se bastante divergências sobre a necessidade de encontrar um novo (a) parceiro (a), após a separação ou mesmo a viuvez. As idosas exclamam que o homem necessita de alguém para lhe servir algo como uma empregada doméstica, falam da dependência masculina, na qual precisam de uma mulher para realizar os afazeres os quais eles não dominam. A mulher aponta que o homem questiona-se acerca de sua própria masculinidade, se ele exercer as tarefas domésticas. Elas acreditam que eles pensam que os outros o reprovam, pois estas tarefas menores são próprias da figura feminina.

Os idosos masculinos confirmam essa percepção e defendem-se, dizendo que o homem ocupa-se com outras tarefas, como as remuneradas, que sustentam a família. Quando mencionam que a mulher é uma “ótima companheira”, podemos pensar que essas mulheres, sendo elas esposas ou empregadas, qualquer das duas é apenas uma companhia para eles, sendo desvalorizadas tanto como donas de casa quando mulher possuidora de sexualidade e sentimentos. Pergunta-se qual é realmente o papel feminino, sendo ela dona de casa, empregada, mãe e, poucas vezes, mulher.

... hoje em dia não é todo homem que enfrenta, assim, ‘ah eu vou tomar conta de uma casa, eu vou fazer comida, lavar roupa’, eles acham que fica feio pro homem lavar roupa, fazer um pão, fazer comida, arrumar uma casa. Às vezes nem sabem, nem aprenderam. Ana (60 a)

... porque eu vendo meu marido, ele tinha tudo nas mãos, depois quando ele começou a viajar, aí sim que ele fazia comida, mas antes não, ele não sabia fazer nada. Quando eu ficava doente tinha que botar uma pessoa pra fazer as coisas, se não ele não fazia nada, não sabia fazer. Eu digo pros meus filhos: ‘se eu tivesse morrido o teu pai já ia botar uma meia dúzia de mulher pra fazer o serviço, porque o homem é assim, a mulher não. Lúcia (72 a)

... os homens não ficam sem mulher, mas eles ficam sem mulher, se causo eles já têm prática em casa e lida de cozinha e tudo e são caseiros. Eles talvez ficam até sem mulher, mas o mais é porque o homem exerce o serviço pra fora, e depois morre a mulher, e o que ele vai fazer? Ele vai ter que apelar pra outra mulher, porque ele não sabe fazer as coisas, a lida da casa. Mas no mais, pra companheira, aqui ou ali vai. José (68 a)

... eu acho que aquela senhora lá falando que, a mulher fica viúva não precisa de homem, eu acho que precisa, depende de cada pessoa, de cada pessoa, nem todas as pessoas são igual, é a mesma

coisa nem todas são igual. É a mesma coisa, tem gente que acha uma mulher bonita, outros não acham. Adão (65 a)  
... a mulher é mais vaidosa, cheia de piripaque e coisa, o homem não. O homem é mais..., a mulher tem mais categoria que o homem, a gente não pode tá desfazendo da mulher, porque a mulher além de ser mulher, é uma ótima companheira e vale tudo na vida. Pedro (71 a)

Na verdade, as diferenças femininas e masculinas perpassam épocas, a mulher tornou-se mais independente ao longo dos anos, transpôs barreiras, demarcou seu território, abrindo caminho para novas gerações. O acesso à informação tornou a vida mais fácil, tanto do homem quanto da mulher. Por outro lado, o trabalho antes manual, agora exige um nível cognitivo maior, então é necessário aperfeiçoamento e, nisso, homens e mulheres caminham juntos.

... isso, isso aí. E as mulher tinham mais recato, as de agora são menininha, já estão grávidas, né? E em tudo no geral, tanto o homem quanto a mulher, se antes ele era mais retrógrados, e hoje eles estão mais pra frente,(...) agora a gente estuda mais então tem mais sabedoria, por causa que agora, por exemplo, a gente lê uma página dum livro já sabe, já fica sabendo ali um monte de coisa que a gente, os nossos antepassados não saberiam nem decifrar o que queria dizer aquilo ali por causa que eles não sabiam que palavras eram aquelas, né. E agora não, a gente lê aquilo ali, lê um livro ou olha uma novela já sabe divulgar uma coisa da outra o certo do errado, antes a gente não saberia decifrar. A gente ficava assim, só, a mulher era dentro de casa e o homem que saia pra rua, pra trabalhar e pra dar o sustento da família, e agora não sai a mulher, sai a criança. (...). Porque antigamente o trabalho mais era braçal e agora é mental né. Era só isso que eu tinha pra dizer. Agueda (61 a)

## DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

Durante as entrevistas assim como nos encontros grupais, foi observada a dificuldade de os idosos e idosas falarem sobre suas sexualidades. Essa dificuldade de expressão pode estar associada tanto a uma dificuldade em relação à prática sexual e questões referentes à sexualidade no geral como em relação a sua expressão sexual. De certo modo, pode-se observar que a expressão e a prática foram permeadas pelo preconceito dos próprios idosos. Além disso, os próprios idosos indicavam que assuntos referentes à sexualidade eram tabus em sua educação.

Muitos dos participantes tiveram suas primeiras experiências sexuais marcadas pelo total desconhecimento do ato sexual em si, do seu desejo, do prazer e do seu próprio corpo. Vemos que a sexualidade parecer ter sido uma temática de difícil abordagem na vida da maior parte destes participantes. A dificuldade de expressar a sexualidade, geralmente, foi enunciada através

do silêncio destinado a esse tema dentro de suas famílias e da sociedade, que parece ser reproduzida atualmente por esses idosos. Observam que o sexo era visto como “pecaminoso” e “imoral” especialmente quando feito fora ou antes do matrimônio. A falta de diálogo entre pais e filhos gerava uma informação precária sobre o assunto. Esses dados estão de acordo com as idéias de Santos (2003), que reporta que envelhecemos como vivemos, ou seja, a forma como cada um experiencia sua sexualidade ao longo da vida irá refletir-se na terceira idade. Então era de se esperar que essa visão de pessoas que tiveram poucas experiências referentes à sexualidade, ou que a mesma era vivenciada como algo desconhecido e mesmo pecaminoso (permeada pelos preconceitos) se reproduzisse atualmente.

O desejo e a expressão da sexualidade na terceira idade parecem ser verdadeiros tabus, para os próprios idosos que recriminam maiores demonstrações de sexualidade. O sexo, por vezes, na opinião dos participantes, é somente permitido aos jovens que “podem” praticá-lo sem compromisso. Os próprios idosos consideram que podem expressá-lo somente no matrimônio, um espaço no qual é possível praticá-lo de forma “segura”.

A sexualidade, como forma de expressão do amor, é uma das características principais para a prática sexual, especialmente para integrantes do sexo feminino. A sexualidade deve ser expressa com maior recato na opinião dessas participantes. Podemos pensar talvez que essa forma de sexualidade “amor – afeto”, desvinculada aparentemente da noção de desejo é a única forma de expressão possível. Conforme Santos (2003), as expressões de afetos, de fantasias, estão presentes na terceira idade, o amor pode ser expresso em outras formas como ternura, contatos físicos, olhar, toque, voz, como as primeiras formas de amor.

Já para um dos participantes do sexo masculino, a sexualidade esteve vinculada à potência. Cabe ressaltar que nesta fase vital a qualidade da potência sexual geralmente tem um declive considerável. A agressividade para este idoso expressa a sexualidade. De certa forma, essa concepção remete a uma idéia machista de que o homem deve ser potente e ativo numa relação. Tal noção pode gerar certa angústia nos homens, agora que não podem expressar seus sentimentos da mesma forma anterior e isso pode-se refletir na perda de interesse sexual de alguns homens neste período, pois não se mostram tão potentes como antes. Essa afirmação vai ao encontro do que diz Novaes (1997) quando relata que tanto homens quanto as mulheres podem apresentar sintomas como ansiedade, medo, insegurança e agressividade. Essas ansiedades são experienciadas de forma mais acentuada no homem que sofre com a ameaça da impotência sexual.

Participantes de ambos os sexos compartilham a idéia de que a mulher é vista como objeto passivo e dependente do homem, essa visão nos remete a uma concepção de construção familiar, na qual o homem é o trabalhador que sustenta a casa e a mulher é a mantenedora do lar e a responsável por uma criação saudável dos filhos. Entretanto, eles reconhecem que esse modelo está mudando, papéis femininos e masculinos já não estão tão delimitados. Conforme Strey (1992) a hierarquia de gênero descreve uma situação na qual o poder e o controle social são associados à masculinidade, homens detêm e mulheres são subordinadas. A autoridade é exercida através dos papéis de pai e de marido. As mulheres, às vezes, exercem autoridade através do papel de mãe em oposição aos outros papéis familiares, tais como esposa, filha, irmã ou tia.

Vimos então que a sexualidade foi perpassada pelos papéis de gênero atribuídos a homens e mulheres. O homem deve ser o chefe da família e a mulher dona de casa, entretanto, vemos que alguns desses conceitos já começam a mudar, os estereótipos não estão tão definidos.

O assunto sexualidade é vasto e abrangente, sendo que várias outras pesquisas seriam de grande valia para compreensão de um assunto ainda pouco explorado. Seria interessante uma nova pesquisa, nos mesmos moldes desta, mas com uma população de nível escolar e econômico superior, pois com a população estudada encontram-se algumas dificuldades como: o receio dos idosos em falar sobre sexualidade, a falta de informações sobre o assunto na adolescência, o pequeno número de homens participando, o medo de expor-se, a dificuldade de expressão cognitiva e mesmo escrita, etc..

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2000.

CERQUEIRA, Ana Teresa de Abreu Ramos; OLIVEIRA, Nair Isabel Lapenta. Programa de Apoio a Cuidadores: uma ação terapêutica e preventiva na atenção à saúde dos idosos. **Psicologia USP**, São Paulo, v.13, n.1, p.133-150, 2002.

MEDRADO, Benedito. O idoso e a representação de si. **Psicologia Revista**, São Paulo, v. 2, n. 1, p.99-119, 1996.

MESSY, Jack. **A pessoa idosa não existe**. São Paulo: ALEPH, 1999.

NOVAES, Maria Helena. **Psicologia da terceira idade: conquistas possíveis e rupturas necessárias**. 2ª ed. Rio de Janeiro: NAU, 1997.

PICHON –RIVIÈRE, Enrique. **O processo grupal**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

RICHARDSON, Roberto et al. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

RODRIGUES, Algaídes de Marco. Subjetividade e velhice. **Revista da UCPel**, Pelotas, v. 6, n. 1, p. 15-23, Pelotas, 1996.

SALGADO, Marcelo Antônio. **Velhice, uma nova questão social**. 2ª ed. São Paulo: SESC-CETI, 1982.

SANTOS, Sueli Souza. **Sexualidade e amor na velhice**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

SILVA, Iolete Ribeiro; GÜNTHER, Isolda de Araújo. Papéis sociais e envelhecimento em uma perspectiva de curso de vida. **Psicologia Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 16, n. 1., p.31-40, 2000.

STREY, Marlene et al. **Psicologia social e contemporânea**. Petrópolis: Vozes, 1998.

VELOZ, Maria Cristina Triguero; NASCIMENTO-SCHULZE, Clélia Maria; CAMARGO, Brigido Vizeu. Representações sociais do envelhecimento. **Psicologia reflexão e crítica**, Porto Alegre, v.12, n. 2, p. 479-501, 1999.

ZIMMERMAN, David; OSÓRIO, Luiz. **Como trabalhamos com grupos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.